

Violência e desencanto marcam vida na rua

Os adultos têm uma angústia em comum – a falta de emprego; as crianças vêm na liberdade um mal menor do que viver sem a família

VANESSA MAIA

Há um ano, uma ponte de concreto abriga os problemas, as expectativas e os sonhos da lavradora Neuza Dias de Souza, de 43 anos. Natural de Colatina, no Norte do Espírito Santo, Neuza não teve opção de sobrevivência no campo e foi obrigada a fixar moradia debaixo da Ponte da Passagem, entre as avenidas Nossa Senhora da Penha e Fernando Ferrari, em Vitória. Dividindo espaços com insetos e baratas, a lavradora tem uma existência comum à maioria dos moradores de rua da Grande Vitória. Uma vida marcada pela fé, a violência e o desencanto.

Neuza é uma, entre os 143 moradores de rua que as prefeituras de Vitória e Vila Velha, as únicas que possuem estatísticas sobre o assunto, calculam haver nos dois municípios. Embora oficiais, esses números são contestados pela coordenadora de Relações Fraternas da Legião Brasileira da Boa Vontade (LBV), Raquel Marijely. Segundo ela, a estimativa da LBV é de que existam circulando pelas ruas da Grande Vitória cerca de 500 pessoas. Apesar da constatação deste problema social, ainda não existe uma articulação política dos municípios da Região Metropolitana para resolver a questão.

Neuza Dias de Souza não vive sozinha sob a Ponte da Passagem. Mora com um companheiro, Luiz Messias, de 33 anos, que também está desempregado. O casal sobrevive dos serviços de limpeza de construção civil que Luiz consegue. A lavradora tem nove filhos "espalhados" com seus familiares porque no local não há lugar para eles. "Tive que dar meus filhos porque não tinha como morar aqui com eles. Onde eles vão dormir?" É a pergunta que Neuza faz, apontando para duas madeiras de compensado onde ela arruma uma espuma para dormir.

FALTA DE EMPREGOS – Aos 43 anos, essa é a primeira vez que Neuza vive como moradora de rua. Em toda a sua existência, segundo ela, morou em casas de colonos nas fazendas onde trabalhava, no interior do Estado. "Desta vez não teve jeito. Acabou a colheita do café e nós fomos dispensados. Vim para Vitória

um arroz e um feijão para a gente comer". A hora de jantar é sagrada para eles. Em um fogareiro improvisado com pedaços de concreto e lenha, Neuza cozinha feijão preto em uma panela de pressão que ganhou na rua.

CARIDADE – "A comida é sempre a mesma. Arroz e feijão. Quando dá pro Luiz pegar um peixe na maré, a gente come", conta a mulher, dizendo que nunca lhe faltou a caridade alheia. "As pessoas às vezes ajudam a gente. E nós vamos sobrevivendo com a graça de Deus".

Vivendo também da caridade alheia, um grupo de meninos que mora na rua se reúne às segundas, quartas e sextas-feiras em torno de um carro da Legião Brasileira da Boa Vontade (LBV).

O ponto é a Praça Costa Pereira, Centro. No carro, os voluntários levam sopa, café com leite, pão com manteiga e água mineral. Não falta também uma palavra de esperança para a população de rua. Segundo a coordenadora de Relações Fraternas da instituição, Raquel Marijely, este projeto é realizado em Vitória há 25 anos, desde a fundação da LBV na Capital.

LEIS DA RUA – A rua tem leis bem definidas. Para fazer parte do grupo que dorme nos bancos das praças Costa Pereira, Getúlio Vargas e da Catedral, no Centro de Vitória, e nas imediações da Igreja Santa Rita, na Praia do Canto, é necessário respeitar a hierarquia do mais velho do grupo. É ele quem determina as regras e o itinerário. Todos os meninos, sem distinção, comparecem à Kombi da LBV para tomar a sopa.

O líder do grupo logo se sobressai. Larga o pão e o café com leite para saber o que os demais estão falando. Também quer dar entrevistas. A liberdade oferecida pela rua é o principal motivo, na opinião do "chefe" Jarbas Roberto Santos, de 18 anos, de as crianças saírem de casa. Ele conta que desde os 14 anos está nesta vida e que saiu de casa porque não se entendia bem com o pai.

"A rua tem a liberdade. Os colegas são legais. Agora tem o seguinte: na rua, a lei é a porrada. Quem começa a zoar (perturbar) os outros



Chico Guedes

ESPERANÇA

Debaixo da Ponte da Passagem, Neuza Dias tenta dar um sentido à vida, enquanto busca meios para poder 'juntar' os filhos que estão com parentes

Políticas ainda são isoladas na GV

Apesar dos esforços de algumas prefeituras da Grande Vitória, a questão da população de rua ainda não é tratada como um problema metropolitano. A Secretaria de Ação Social de Vitória tenta articular políticas conjuntas com as Prefeituras da Serra, Cariacica, Vila Velha e Viana, pois os levantamentos de que dispõe demonstram que a maioria da população de rua que perambula por Vitória não é do município.

De acordo com os últimos dados levantados pela PMV, de cada grupo de 100 pessoas entrevistadas que

como objetivo dar uma atividade ao menor no período em que ele estiver fora da escola, "para fixar as crianças em sua comunidade, evitando que elas procurem a rua", diz a secretária Wânia Malheiros. O projeto também oferece cursos de Artes e Música, entre outras atividades.

ATIVIDADES – Para as crianças que não possuem casa, o "Cidadão Criança" oferece abrigos para meninas e para meninos. Durante o dia, eles têm atividades na Casa Aberta, do Bairro República, e na Casa Brincadeira, no bairro de Monte Castelo.

existem três programas preventivos. O Programa de Atendimento ao Migrante fornece abrigo por 15 dias para as pessoas que chegam de outros Estados, seja para tratamento médico ou procura de emprego.

Há também o Programa de Fomento de Cestas Básicas e o Abrigo de Recolhimento para a População Carente, que fica localizado no Sambão do Povo e tem capacidade para 60 pessoas. No local existem quartos separados para homens e mulheres, onde eles recebem atendimento médico, alimentação e assistência social.

torno à cidade de origem. "Em geral, eles aceitam, porque vêm procurar emprego e não acham, então querem voltar mas não têm dinheiro", disse Luiz Getúlio. "Trabalhamos integrados com associações evangélicas que tentam recuperar estas pessoas do vício da droga", disse. O projeto "Aprendiz-Trabalhador" é outro programa oferecido pela Prefeitura de Vila Velha que, em parceria com empresas, emprega os adolescentes. "Para participar deste programa é indispensável que eles estejam matriculados nas escolas da rede municipal.

da sua existência, segundo ela, morou em casas de colonos nas fazendas onde trabalhava, no interior do Estado. "Destas vezes não teve jeito. Acabou a colheita do café e nós fomos dispensados. Vim para Vitória acreditando que arrumaria um emprego. Fiz calo no pé e não consegui. Já cansei de bater nas casas, pedindo para fazer limpeza, mas todo mundo quer referência dos meus serviços. Isso eu não tenho para dar", lamenta.

Apesar das adversidades que enfrenta morando sob a ponte, Neuza tem esperanças de uma vida melhor. Acredita que ainda encontrará um lugar para morar porque, segundo ela, precisa reunir seus filhos. "Meus parentes já estão reclamando das crianças na casa deles, porque não moram em grandes espaços. Minha irmã, por exemplo, mora em um barracão de um cômodo em Santa Rita (Vila Velha) e já não tem como ficar com meus filhos".

A rotina de Neuza e Luiz é marcada pela fé. Não têm emprego, mas ela explica: "Deus sempre arruma

porque não se entendia bem com o pai.

"A rua tem a liberdade. Os colegas são legais. Agora tem o seguinte: na rua, a lei é a porrada. Quem começa a zoar (perturbar) os outros toma porrada. Eu tenho uma garota e ela está avisada. Se me trair com outro, a porrada vai comer. Agora, quem quiser chegar na boa é aceito. Entre a gente o que existe é a solidariedade", ensina.

Enquanto fala com a reportagem, Jarbas é assediado por menores das mais variadas idades. Meninos franzinos de 9 anos misturam-se com outros de 11 e todos rodeiam o líder. Pedem para liberar "a parada". Ele adverte os garotos, dizendo que está dando entrevista. Mas os meninos não o atendem. Com o estômago cheio, insistem para que "libere logo a parada".

Imediatamente, Jarbas retira da cintura um vidro de soro fisiológico cortado, cheio de cola de sapato, e joga para o grupo. Com calma, vê as crianças se degladiarem pela cola e justifica: "Está na hora de dormir".

Desabrigado deseja ações mais efetivas

Com textos bíblicos na ponta da língua e uma visão apocalíptica da vida, Marcos Santos de Souza, 32 anos, mora há 15 dias na areia da Praia da Costa, em Vila Velha. Repetindo a trajetória de milhares de pessoas, Marcos veio para o Espírito Santo acompanhado de quatro adultos e duas crianças, fugindo do desemprego provocado pela diminuição da cultura do cacau na Bahia. Não encontrou trabalho e, como não tinha para onde ir juntou-se, desencantado, ao grupo que havia montado uma barraca na praia, com pedaços de papelão.

Na noite da última quarta-feira, Marcos foi o único do grupo que se dispôs a falar da condição de morador de rua. Ele não confia nos poderes instituídos porque, na verdade, eles não articulam ações para livrar a população do abandono. "Eu só acredito em Deus. Todas estas potestades que aí estão não têm poderes para mudar a minha vida. Por isso, eu só acredito em Jesus", afirma.

Misturando afirmações entre estados de embriaguez e lucidez, Marcos dispara a todo instante versos bíblicos para prever que a situação das pessoas de rua não será resolvida enquanto não existir um trabalho articulado entre pessoas religiosas e autoridades.

"Aí, oh, o negócio é o seguinte: a Bíblia diz que os homens no final dos tempos iriam se voltar uns

contra os outros. E na verdade isso está acontecendo. Todo mundo briga para ver quem fez o quê. Mas ninguém faz nada e todos querem levar o título. Tem que fazer o seguinte: se vai distribuir sopa, leva também a palavra de Deus; se vai visitar mendigos, oferece banho e roupa limpa para que a pessoa possa procurar um emprego. Eu sou pintor de acabamentos. Mas nunca vou conseguir um emprego neste estado", disse.

Questionado sobre o grau de escolaridade, face ao seu conhecimento, Marcos Santos diz que "teve uma experiência divina", que fez com que ele aprendesse a ler a palavra de Deus. "Olha, dona, eu bebi. Mas tudo o que estou te falando é verdade", informa. Enquanto Marcos concede entrevista do lado de fora da barraca, lá dentro um casal tem relações sexuais, presenciadas por uma criança de 8 anos, que reclama da fome. Marcos Santos Souza manda a reportagem ir embora.

"Aí, já são 11h30m da noite e vocês estão me alugando", afirma. Entretanto, antes de dispensar a equipe, recita solene uma frase bíblica que define as condições da população de rua. "Vou falar pra vocês. A Bíblia diz que as raposas têm os seus covis e os passarinhos têm os seus ninhos, mas o filho do homem não tem onde repousar a sua cabeça".

demonstram que a maioria da população de rua que perambula por Vitória não é do município.

De acordo com os últimos dados levantados pela PMV, de cada grupo de 100 pessoas entrevistadas que moram nas ruas, apenas 9% são oriundas da Capital. Dos outros municípios da Grande Vitória vieram 16% e o restante de outros Estados.

Em Vitória, a Secretaria de Ação Social oferece várias alternativas de atendimento aos moradores de rua. Para as crianças e adolescentes, por exemplo, há diversos programas de atendimento, entre eles o ensino profissionalizante.

O projeto "Cidadão Criança" tem

ATIVIDADES - Para as crianças que não possuem casa, o "Cidadão Criança" oferece abrigos para meninas e para meninos. Durante o dia, eles têm atividades na Casa Aberta, do Bairro República, e na Casa Brincando e Aprendendo, no Morro do Quadro. À noite, depois das atividades, eles retornam aos abrigos para dormir. Entre os abrigos estão: o Lar da Menina I e II, o Lar Dom João Batista, no Centro, e a unidade para meninos, em Jardim da Penha.

A prefeitura da Capital ainda mantém o Programa de Renda Mínima: a família recebe R\$ 42,00 por pessoa, se matricular as crianças nas escolas da rede municipal. Para os adultos

Carente, que fica localizado no Sambão do Povo e tem capacidade para 60 pessoas. No local existem quartos separados para homens e mulheres, onde eles recebem atendimento médico, alimentação e assistência social.

MUNICÍPIOS - No município de Vila Velha, segundo informou o assistente técnico da Secretaria de Ação Social, Luiz Getúlio Souza, também predomina uma população de rua que não é do município. Segundo Luiz Getúlio, 60% da população de rua de Vila Velha migram de outros Estados, com maioria originária de Minas Gerais.

A Secretaria de Ação Social de Vila Velha oferece uma passagem de re-

grama oferecido pela Prefeitura de Vila Velha que, em parceria com empresas, emprega os adolescentes. "Para participar deste programa é indispensável que eles estejam matriculados nas escolas da rede municipal.

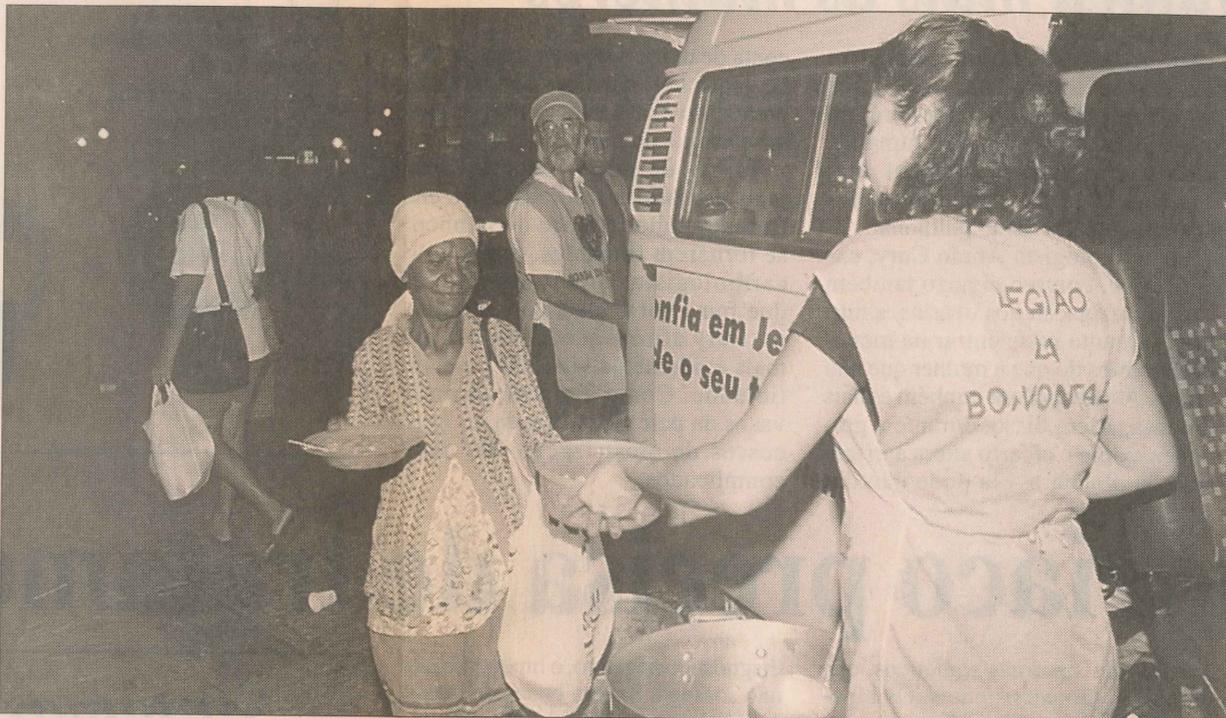
Em Viana, segundo a secretária municipal de Ação Social, Márcia Machado, ainda está sendo realizado um levantamento da situação das crianças e adolescentes. Márcia Machado informou que não dispunha de dados porque só assumiu a Secretaria há duas semanas.

Na Serra, segundo a diretora para Ações de Trabalho, Silvana Pereira Fadul, ainda não existe um programa para a população adulta. Entretanto, ela ressaltou que, para as crianças, está sendo realizado um trabalho de retaguarda para mantê-las em sua comunidade de origem.

O projeto "Mãos à Terra", da Serra, está começando a ser implantado. Existe ainda o Centro de Cidadania, onde as crianças recebem atendimento pedagógico e social, e a Casa de Passagem, que funciona no bairro Hélio Ferraz, para crianças vítimas de maus tratos.

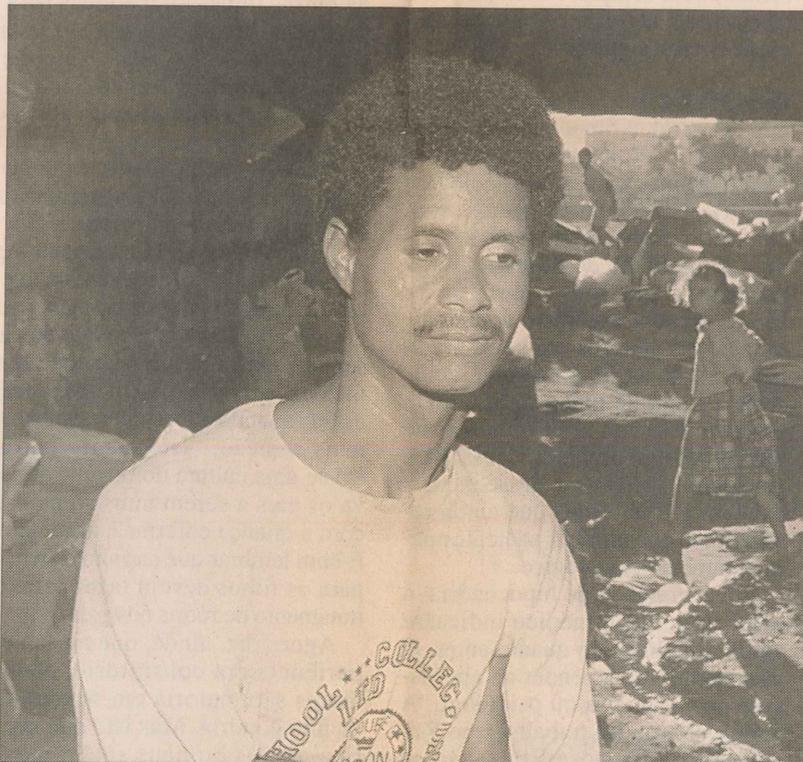
Em Cariacica, segundo a Assessoria de Comunicação, a Prefeitura está tentando viabilizar as Casas de Passagem I e II para o atendimento à criança e ao adolescente. Essas casas funcionarão no bairro Vera Cruz, em um imóvel cedido pelo Instituto Estadual do Bem-Estar do Menor (Iesbem).

Além destas casas de passagem, a Prefeitura de Cariacica conta com o auxílio de instituições filantrópicas, como a Obra Social Cristo Rei, um internato que abriga 100 crianças e adolescentes e o Recanto de Atendimento ao Menor, que funciona em regime de semi-internato e atende a 42 crianças.



ALIMENTO

Toda semana, voluntários da Legião da Boa Vontade distribuem sopa, pão e água para quem mora nas ruas



NÔMADE

Mesmo cansado de morar 'aqui e ali', João Mendes vive mudando de lugar

Ex-operário já não tem mais esperança

João Mendes, 32 anos, é uma pessoa aparentemente calma e inteligente. Com serenidade, o ex-operário conta como viu sua vida declinar desde que ficou desempregado há cerca de cinco anos. Embora lúcido, ele não esconde que bebe cachaça para esquecer suas mágoas, e conta que vive sem perspectivas de arranjar um emprego para poder sair da rua. Hoje ele vive embaixo da Ponte Florentino Avidos.

"Já trabalhei em várias construtoras. Não sei ler nem escrever, mas consigo assinar meu nome e sei bem fazer o serviço que me mandam. Acontece que de uns cinco anos pra cá eu não arrumo mais emprego. Não há vaga. As pessoas pedem referências e eu estou há muito tempo parado. Can-

sei de morar aqui e ali. Agora, estou debaixo da ponte. Outro dia posso estar na praça. Não tenho rumo não", tenta explicar.

João Mendes diz que não tem coragem de pedir esmolas para sobreviver. "Se eu não ganhar nada, nem encontrar aqui no lixo, prefiro passar fome a pedir comida a alguém. Se der para catar alguma coisa do lixo eu pego mesmo. Hoje em dia, está cada vez mais comum as pessoas acharem que somos ladrões". Segundo afirma, sua convivência na rua com os demais não foi difícil. "A gente tem que chegar no lugar humilde, sem falar muito. Com isso a gente é bem recebido. Agora, se o cara chega colocando banca e exigindo muita coisa, ele não é recebido pelo grupo", ensina.